

## **MATAS CULTIVADAS E A HISTÓRIA DO TERREIRO BATE FOLHAS DE SALVADOR: UMA FLORESTA AFRO-BRASILEIRA**

**Elena Geppetti**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. E-mail: elenageppetti@yahoo.it

No contexto das florestas culturais, e a partir da perspectiva de sistemas socioecológicos, a paisagem é entendida como o produto do encontro entre natureza e cultura, como objeto produzido e transformado pelo homem, funcionando como um signo, capaz de fazer presente, sob uma outra forma, uma porção de espaço acessível à experiência sensível. Assim, quando olhamos para a Mata Atlântica sob o ponto de vista das transformações oriundas das matrizes culturais inseridas no território brasileiro, podemos incorporar o conceito de “Mata Transatlântica” de forma a reconhecer o legado africano nas transformações culturais das paisagens brasileiras. Este trabalho busca analisar o manejo humano de áreas florestais, com foco específico nas práticas e conhecimentos afro-brasileiros relacionadas à Mata Atlântica. Embora essas relações se insiram num contexto histórico mais amplo, aquele dos diversos tipos de interações entre as populações negras trazidas para o Brasil e o referido bioma (plantations, carvoarias, quilombos, terreiros etc.), aqui nos interessa considerar tais interações dentro de um recorte histórico e geográfico específico: o culto dos Orixás na cidade de Salvador, Bahia, tal como se apresenta no Terreiro Bate Folhas, uma casa com cerca de 100 anos de tradição, cujas instalações encontram-se contíguas a um dos maiores trechos urbanos de mata atlântica dessa cidade. Foi empregada uma metodologia de pesquisa híbrida que envolve uma investigação sistêmica da paisagem, cruzando levantamentos dos aspectos ecológicos, culturais e históricos no intuito de caracterizar a mata em distintas camadas, revelando interpretações botânico-simbólicas. Além disso, foi usado recursos da pesquisa etnográfica, através de métodos clássicos, como observação participante e entrevistas, bem como por meio de métodos voltados para o compartilhamento da pesquisa, tais como a etnocartografia. O Terreiro Bate Folha (Manso Bandunquenqué), fundado em 1916, situa-se no bairro Mata Escura. Em 2003, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, legitimando a noção inalienável de espaço sagrado que o qualifica como patrimônio cultural brasileiro. O Terreiro ocupa 76% dos 15,5 hectares da Unidade de Conservação ali existente sendo que essa mata se encontra em estágio médio de recuperação. Aqui, como em outras casas de culto, a presença de elementos vegetais é parte constituinte das práticas religiosas: a energia vital (Axé) e as divindades (Orixás) se manifestam em elementos ditos do mundo natural, tais como pedras, cursos d’água e, no que nos interessa de perto, árvores, arbustos e trechos de mata. Tendo como recorte temporal o tempo de vida do terreiro, a relação entre a ressignificação de plantas nativas e a introdução e o uso de plantas exóticas na composição florística se destacam no fragmento florestal. As árvores mais antigas apresentam papel de destaque na localização no terreiro, seu significado simbólico e uso ritual. Por outro lado, as interações contemporâneas de coleta e plantio, que fazem parte das atividades cotidianas, revelam ricas narrativas socioecológicas. Esse olhar, voltado simultaneamente para a reconstrução histórica da área de mata do terreiro e para os usos cotidianos atuais, visa compreender em sua própria complexidade sociocultural e ecológica um dos fragmentos florestais mais relevantes da cidade de Salvador.

